

O MOSTEIRO DA BATALHA: O ESPAÇO SAGRADO DE AVIS

Hugo Rincon de Azevedo

Na Baixa Idade Média, os principais guardiões da memória monárquica eram os chamados Panteões Régios. Esses monumentos sepulcrais da realeza consistiam essencialmente em capelas reais no interior de catedrais e mosteiros, geralmente de fundação régia. Também manifestavam-se como Espaços Sagrados: locais onde ocorriam a sua manifestação, pois ali estão sepultados membros da realeza, inseridos "tesouros espirituais" como as relíquias, e, em alguns casos, restos mortais de santos e mártires que amplificavam a sacralidade do monumento. Ao escolher essas necrópoles régias, os reis desejavam manifestar poder, revelando práticas políticas pessoais, com o intuito de deixar um legado simbólico em um local em que a memória era intensamente trabalhada. É nesse contexto que abordaremos um dos principais espaços sagrados do reino português no medievo, o Mosteiro da Batalha.

Como legado da Batalha de Aljubarrota (1385), da "vitória maravilhosa" e independência perante o reino de Castela, o rei D. João I (1357 - 1433) mandou erguer nas cercanias de seu grande triunfo o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, que representava uma espécie de "certidão de nascimento" da dinastia que iniciara. A princípio era uma forma de agradecimento a Virgem pela "ajuda divina" aos portugueses durante a batalha, o que no imaginário da época, lhes deu a vitória e lhe assegurou o trono, como ressaltou o soberano em seu testamento. Posteriormente, o monumento foi convertido a um instrumento físico e simbólico do poder da nova dinastia, manifestando-se como um mecanismo de propaganda e legitimação dinástica.

No século XV, o Mosteiro da Batalha se inseriu no contexto dos panteões dinásticos que se alastraram pela Europa. O marco inicial da transformação do cenóbio em Panteão de Avis foi a transladação do corpo da rainha D. Filipa de Lencastre (1360 - 1415) do mosteiro de Odivelas para a Batalha no ano de 1416. Falecida em julho de 1415, os restos mortais da monarca foram levados para o convento no ano seguinte a mando do rei. Uma majestosa cerimônia fúnebre em que se inaugurava a sua função enquanto panteão real. Esse evento também celebrava a conquista da cidade de Ceuta em agosto de 1415, antiga praça islâmica no atual Marrocos, que concedeu ao monarca as bases ideológicas para poder confirmar o mosteiro como seu monumento sepulcral. Mais tarde, em 1434, D. João I se juntou a sua rainha em uma arca tumular com características conjugais na Capela do Fundador, com um grande cerimonial presidido pelo rei D. Duarte (1391 - 1438). Uma das várias manifestações de culto à realeza que ocorriam no espaço, como celebrações de missas e aniversários pela morte dos reis.

Apenas na década seguinte a morte da rainha, no ano de 1426, o rei D. João I oficializou essa escolha, quando ordenou em seu testamento: ser sepultado junto a sua esposa naquele mosteiro, a hierarquia dos sepultamentos na Capela Real, como também o desejo de que seus sucessores elegessem o monumento para o seu descanso eterno. As recomendações do monarca seriam seguidas por seus filhos e pelos futuros reis de Portugal. No convento encontram-se os túmulos dos reis D. Duarte, D. Afonso V (1432 - 1481) e D. João II (1455 - 1495), além de consortes régias e membros da família real. Na Capela do Fundador, os filhos acompanham o casal real D. João I e D. Filipa, os infantes da Ínclita Geração, D. Pedro (1392 - 1449), D. Henrique (1394 - 1460), D. João (1400 - 1442) e D. Fernando (1402 - 1443). Esses fatores contribuíram para a afirmação do Mosteiro da Batalha enquanto

AZEVEDO, H. R. O Mosteiro da Batalha: o espaço sagrado de Avis. Espaços Sagrados. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



panteão dinástico e, em termos de continuidade de sepultamentos régios, no maior mausoléu real erguido em Portugal na Idade Média.

Desde o início do século XV, a Batalha se tornara um importante templo de peregrinação e culto para os portugueses. Essa questão se intensificou a partir do ano de 1401, quando o imperador bizantino Manuel, o Paleólogo (1350 - 1425), doou ao rei D. João I algumas relíquias. O monarca escolheu o convento para guardá-las. Iniciou-se no local o culto das santas relíquias, um dos mecanismos responsáveis pelo aumento do prestígio internacional do mosteiro e conseqüentemente da Casa de Avis. Entre as relíquias, podemos citar uma pequena porção das vestes de Cristo, uma cruz de ouro na qual se encontravam pretensas relíquias de São Paulo, São Pedro e São Brás, além de um pedaço da esponja que teria sido utilizada no momento da crucificação para Lhe dar de beber.

Já em meados de quatrocentos, a sacralização do mosteiro se completaria com o sepultamento dos restos mortais do infante D. Fernando. Ele morreria em cativo no norte da África em 1443, após ficar como refém dos islâmicos de Tânger, por causa do fracasso do ataque lusitano à praça marroquina em 1437. Seus restos mortais foram cultuados como relíquias de mártir, consistindo nas vísceras (em 1451) e nas ossadas do Infante Santo (em 1471). Essas relíquias marcaram o culto a um "santo dinástico" no convento, um projeto de sacralização da dinastia que foi intensamente exaltado e patrocinado pelo rei D. Afonso V e o Infante D. Henrique. A presença das relíquias trazia prestígio e principalmente doações ao mosteiro, garantindo a manutenção e uma importante fonte de financiamento para o panteão, graças às esmolas, e também representavam o fluxo de peregrinos na região. Desse modo, edificado em memória de Aljubarrota, o Mosteiro da Batalha se converteu ao longo do século XV em uma espécie de "templo de Avis", espaço sagrado, de culto e de sacralização a uma dinastia que se afirmava santa, e que utilizara intensamente de seu panteão régio como símbolo de poder e propaganda.

Para saber mais

AZEVEDO, H. R. **Entre a batalha e o mosteiro**: memórias legitimadoras da Dinastia de Avis (séc. XV). 190 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6922?mode=full> .

GOMES, Saul António (Org.). **Fontes históricas e artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha**: Séculos XIV- XVI. Batalha: IPPAR. 2002. (Volumes I - IV).

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. As exéquias fúnebres no Mosteiro da Batalha. **Mirabilia**, Revista de História da UFES, p. 248 - 259, 2013.

AZEVEDO, H. R. O Mosteiro da Batalha: o espaço sagrado de Avis. Espaços Sagrados. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

